



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br



FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC

Amor à primeira vista

Porto Alegre não vive só de grandes shoppings. Há espaços que exalam simpatia à primeira vista, como a Galeria Champs Elysees. Fica na rua 24 de Outubro 435. É um encanto.

Será que...

Gato escaldado tem medo de água fria e porto-alegrense tem medo de chuva que cai sem parar por vários dias. Nos disseram que não há risco de o Guaíba invadir a cidade, mas neste sábado ele deve chegar ao nível de alerta. Falta combinar com o El Niño, porque a previsão é de mais chuva semana que vem. De qualquer maneira, os estragos no Interior já ultrapassaram o nível de alerta.

Curto e grosso

Recado de José Velloso, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Falou que o avanço chinês no setor é uma ameaça mais grave do que as tarifas impostas pelos Estados Unidos. E o governo mais parado que água de poço.

Feliz aniversário

Julho marca os dois anos da gestão de Claudio Bier à frente do Sistema Fiergs. Desde que assumiu a presidência, em um dos momentos mais desafiadores da história recente do Rio Grande do Sul, durante as enchentes de 2024, a atual gestão buscou reconstruir a entidade, as indústrias e a comunidade. A gestão tem sido marcada pela proximidade com as empresas, pela conexão com os sindicatos industriais e pela busca de soluções para os desafios da indústria gaúcha.

Pra mais de metro

As bets tiraram R\$ 62,5 bilhões das famílias brasileiras em 2025. O dado é do Boletim Fiscal dos Estados Brasileiros. Sabe-se que de lá para cá houve uma explosão no número de apostas. Querem saber? O governo não aperta mais o parafuso tributário das bets porque entra muito dinheiro para o Grande Gastador. Como no cigarro.

Expansão acelerada

Depois de inaugurar novas lojas em Londrina, Gravataí e junto ao Hospital Albert Einstein, em São Paulo, a rede Panvel abre mais quatro unidades. Foram inauguradas novas operações em Porto Alegre, na avenida Otto Niemeyer, 911, e na capital paulista, no bairro Tatuapé. Já nos próximos dias, Curitiba recebe mais duas lojas.

União faz a força

A Associação dos Municípios da Grande Porto Alegre (Granpal) se reuniu com outras três associações de municípios para assinar um termo de cooperação com o objetivo de compartilhar servidores, equipamentos e máquinas em ações de prevenção, preparação, resposta e recuperação diante dos efeitos climáticos que constantemente vêm afetando o RS.

Mais rendimentos,
mais oportunidades.
Invista no Sicredi

Poupança Fundos de Investimentos
Renda Fixa Previdência Privada

Aplique seus recursos e ganhe
os mascotes do Investzoo.



Acesse aqui e
confira o regulamento



Sicredi | Sicredi Origens RS



HISTORINHA DE SEXTA

Bastos e seu tempo

A morte do jornalista Carlos Bastos me fez fazer uma viagem no tempo de volta aos anos 1960 em diante, a uma cidade que não existe mais e a um jornalismo mais exigente, e ao mesmo tempo com buracos que eram preenchidos com episódios típicos de um tempo em que pegadinhas eram uma necessidade intelectual. Havia uma produção de sacanagens para compensar os anos pesados daqueles tempos.

Não tínhamos nenhuma das facilidades que se tem hoje. Até mesmo um simples telefonema requeria paciência para se achar um. Estranhos mecanismos eram empregados para driblar linhas eternamente congestionadas, como bater com o dedo no descanso do aparelho o número de vezes que se queria discar. Só ao vivo para explicar. A pachorra do trânsito sem sinalização com vocação para acidentes graves, por isso o noticiário policial dedicava largos espaços aos acidentes. Na política, a rigidez do regime criou mecanismos para escrever fatos que não podiam ser revelados. A criatividade exigia mentes ágeis e textos à altura.

Abro um espaço para contar uma história. Havia um repórter político do Diário de Notícias excelente, mas com texto pobre, cobria a Assembleia e o Palácio Piratini. Como era ruim, ligava para o editor ditando a informação, alegando que não havia tempo para ir à redação na avenida São Pedro.

Uma noite, o editor-chefe explodiu, dizendo que ele teria que se deslocar e bater a matéria. Contrafeito, pegou um táxi e foi lá. Sentou, puxou a máquina de escrever e a folhas tantas perguntou ao chefe se “hospício” era com ou sem H. Claro que era com H, resmungou o chefe. Não fosse a revisão, teria saído a matéria com a seguinte abertura:

– *Sob os hospícios da primeira-dama do Estado...*

O Bastos cruzou minha vida naqueles anos. Às vezes no mesmo grupo jornalístico em funções diferentes, às vezes em empresas concorrentes, mas nunca nos perdemos de vista. Fez parte da minha linha do tempo. Posso dizer com tranquilidade que havia mais tempo para o bom humor. Por isso o Bastinhos desenvolveu a capacidade de reter e criar histórias que eu tanto gostava nele. E o que é o jornalismo se não saber contar uma boa história?

Havia templos de boas histórias, bares, churrascarias como a Itabira, na avenida Getúlio Vargas. O que hoje se gasta com tecnologia na época se gastava com transmissão oral de episódios paralelos à informação. E um destes templos foi o restaurante da Assembleia Legislativa no 11º andar, um point de criação de causos, centro nervoso político do Estado.

Foi lá que reverberou a eleição de 1974, em que a oposição ao regime militar cravou uma cunha que acelerou a abertura, a eleição em que o MDB venceu de ponta a ponta em todos os estados menos um – havia só dois partidos, MDB e Arena, partido do governo.

O horário eleitoral na televisão tinha regras draconianas. Os candidatos só podiam dizer o nome e número. Essa monotonia foi quebrada com os debates televisivos, que sucederam os comícios clássicos. Um deles mexeu com todo o Estado, Paulo Brossard versus Nestor Jost, candidatos ao Senado. Jost perdeu de goleada. Tinha toda máquina estatal na mão, fora presidente do Banco do Brasil. Mas no áudio o telespectador notava o som do bater seco de dentes como mastigando sem comida, uma prótese dentária recém posta, queixou-se Jost depois. Com sua verve jurídica embebida em fina ironia, Brossard usou um personagem mudo posto à sua frente, seu chapéu.

Até hoje acho que aquele chapéu foi um símbolo cabalístico a enriquecer o debate. Foi um personagem que o ajudou, por assim dizer. Aquele debate, assistido por todo o Rio Grande do Sul, foi o marco zero do uso consciente da televisão como ferramenta eleitoral, o melhor cabo eleitoral que um candidato pode ter. Acho que só a TV pode mudar o favoritismo de Lula na eleição deste ano.

O Bastos. O que seria daqueles anos sem ele?